UEG Palmeiras

História da Educação na Idade Moderna

Prof. JR Zaratim



Le Goff, Jacques, Os intelectuais na Idade Média, Rio de Janeiro: José Olympic, 2006. pag. 36

*Somos anões carregados nos ombros de gigantes. Assim vemos mais, e vemos mais longe do que eles, não porque nossa visão seja mais aguda ou nossa estatura mais elevada, mas porque eles nos carregam no alto e nos levantam acima de sua altura gigantesca... (*Bernard de Chartres, séc. XII)



Le Goff, Jacques, Os intelectuais na Idade Média, Rio de Janeiro: José Olympic, 2006. pag. 36

*Somos anões carregados nos ombros de gigantes. Assim vemos mais, e vemos mais longe do que eles, não porque nossa visão seja mais aguda ou nossa estatura mais elevada, mas porque eles nos carregam no alto e nos levantam acima de sua altura gigantesca... (*Bernard de Chartres, séc. XII)

“Anões nos ombros de gigantes” – significa que:

Metáfora: o saber atual se apoia no saber antigo.

Gigantes: grandes pensadores e mestres do passado.

Anões: nós, que herdamos esse conhecimento.

Sentido: vemos mais longe porque estamos sobre o trabalho deles.

Mensagem: cada geração avança graças ao legado anterior.



Le Goff, Jacques, Os intelectuais na Idade Média, Rio de Janeiro: José Olympic, 2006. pag. 36

*Somos anões carregados nos ombros de gigantes. Assim vemos mais, e vemos mais longe do que eles, não porque nossa visão seja mais aguda ou nossa estatura mais elevada, mas porque eles nos carregam no alto e nos levantam acima de sua altura gigantesca... (*Bernard de Chartres, séc. XII)

🔎 Exemplo prático:

Pense nos celulares de hoje:

- ✓ não seriam possíveis sem a matemática de Pitágoras, sem a física de Newton, sem a eletricidade estudada por Faraday, sem os cálculos de Turing e sem os avanços da computação moderna.
- ✓ Cada cientista ou inventor foi um "gigante" que permitiu que outros vissem mais longe.



Le Goff, Jacques, Os intelectuais na Idade Média, Rio de Janeiro: José Olympic, 2006. pag. 36

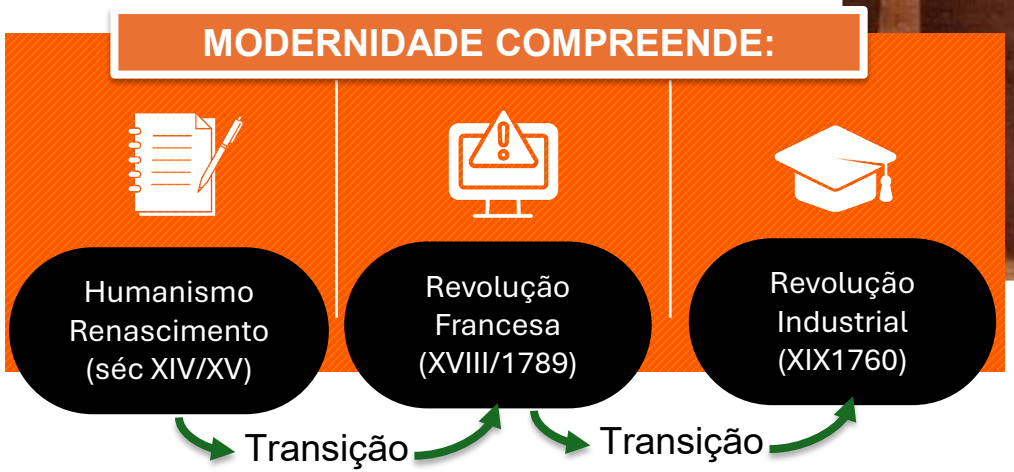
*Somos anões carregados nos ombros de gigantes. Assim vemos mais, e vemos mais longe do que eles, não porque nossa visão seja mais aguda ou nossa estatura mais elevada, mas porque eles nos carregam no alto e nos levantam acima de sua altura gigantesca... (*Bernard de Chartres, séc. XII)



IDADE MODERNA: XV - XVIII

- não devemos confundir “modernidade” com “idade moderna”
- “idade moderna” = clássica periodização da história





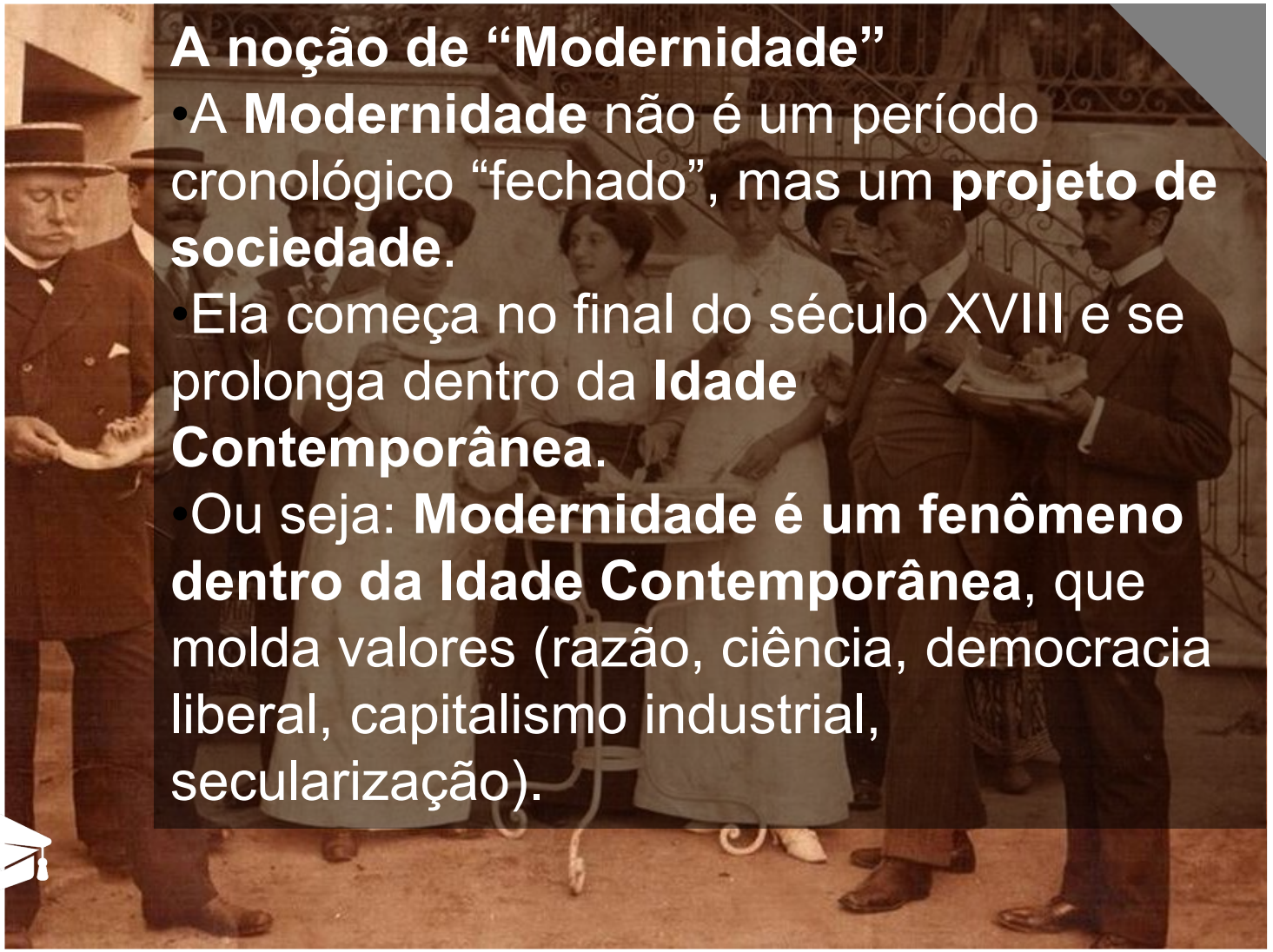
Antigo, sim. Velho, não

MODERNIDADE COMPREENDE:

E hoje?
Muitos estudiosos dizem que já não estamos mais na mesma “Modernidade clássica”:

•Alguns falam em **Pós-modernidade** (Lyotard, Baudrillard) → marcada pelo questionamento das “grandes narrativas” e pela cultura da fragmentação.

•Outros preferem falar em **Modernidade Tardia** (Giddens, Habermas) → como se fosse a continuação radicalizada do projeto moderno.



A noção de “Modernidade”
•A **Modernidade** não é um período cronológico “fechado”, mas um **projeto de sociedade**.
•Ela começa no final do século XVIII e se prolonga dentro da **Idade Contemporânea**.
•Ou seja: **Modernidade é um fenômeno dentro da Idade Contemporânea**, que molda valores (razão, ciência, democracia liberal, capitalismo industrial, secularização).

Antigo, sim. Velho, não

MODERNIDADE COMPREENDE:

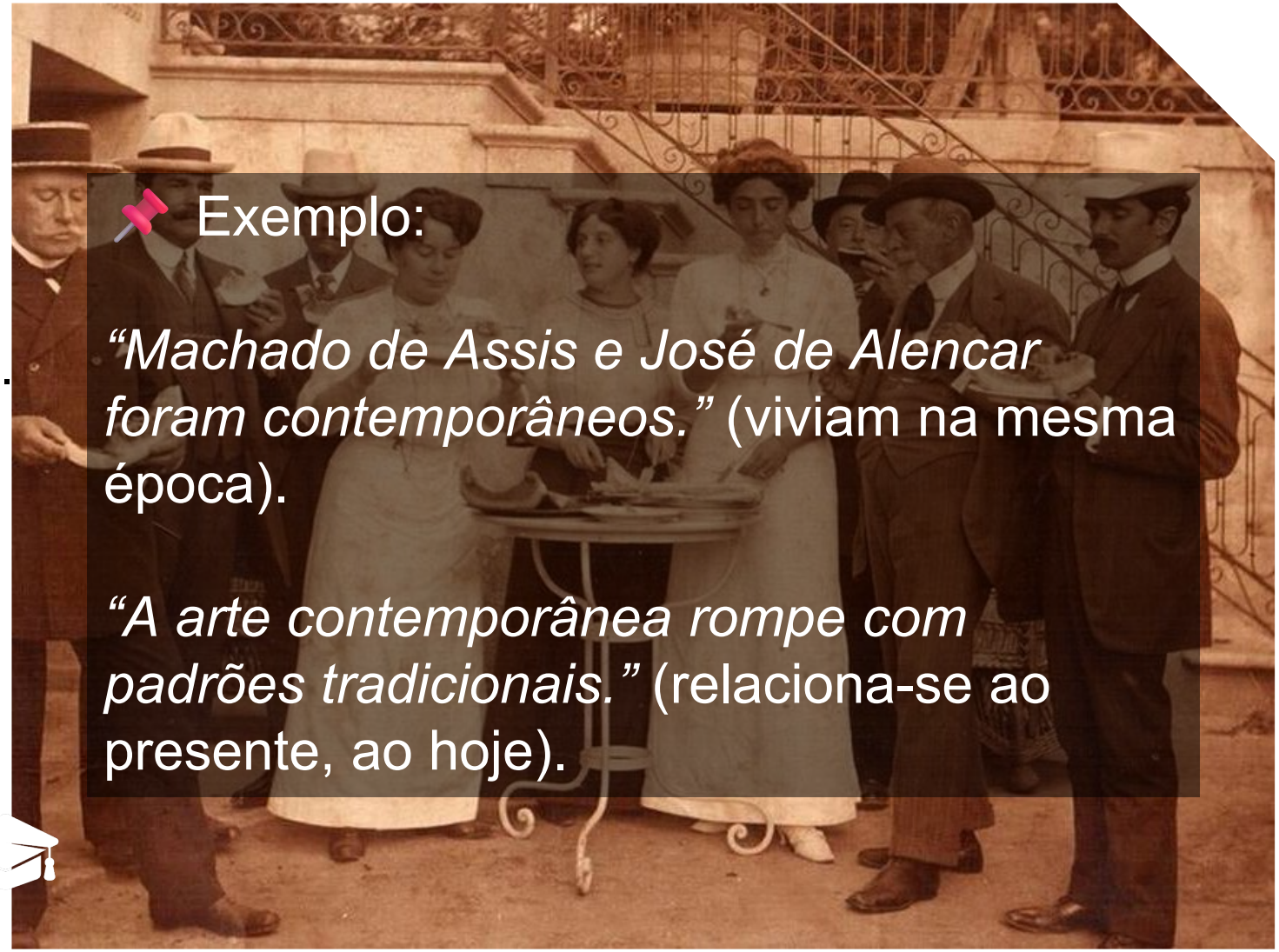
A palavra **contemporânea** vem do **latim** *contemporaneus*, formada por:

con- → prefixo que significa *junto, com*.

tempus / temporis → significa *tempo*.

-aneus → sufixo que indica relação, pertencimento.

👉 Portanto, **contemporâneo** significa literalmente *aquele que é do mesmo tempo, que vive na mesma época*.



📌 Exemplo:

"Machado de Assis e José de Alencar foram contemporâneos." (viviam na mesma época).

"A arte contemporânea rompe com padrões tradicionais." (relaciona-se ao presente, ao hoje).

Antigo, sim. Velho, não

Modernidade

Personagens



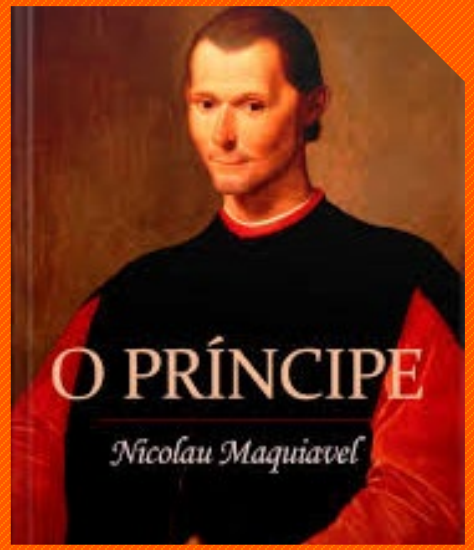
Nicolau Maquiavel (1469 – 1527)

A expressão em latim **“Quomodo fides a principibus sit servanda”** significa:

👉 **“De que modo os príncipes devem manter a palavra (ou a fé).”**

- *Quomodo* = de que modo, como.
- *fides* = fé, confiança, palavra dada, lealdade.
- *a principibus* = pelos príncipes.
- *sit servanda* = deve ser mantida, guardada, preservada.

Obra escrita em 1513, e publicada em 1532



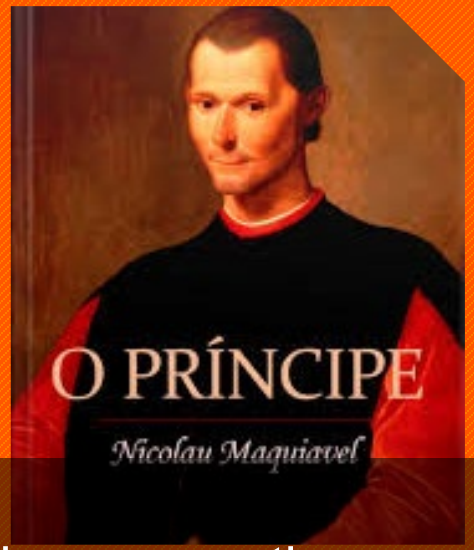


📖 Esse é justamente o título do **Capítulo XVIII de *O Príncipe***, em que Maquiavel discute se o governante deve ou não manter sua palavra — e conclui que **nem sempre**; só quando isso for útil ao Estado.

Os fins justificam os meios?

Nicolau Maquiavel (1469 – 1527)

“...um soberano prudente não pode nem deve manter a palavra quando tal observância se reverta contra ele e já não existam os motivos que o levaram a empenhá-la.”





Explicação:

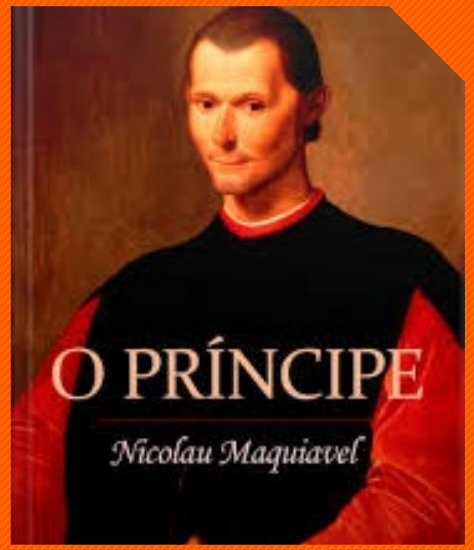
- Maquiavel afirma que um soberano prudente não deve se sentir preso à sua palavra se:
  - Cumpri-la trouxer prejuízos ao Estado ou a ele mesmo;
  - Os motivos originais que justificaram a promessa já não existirem.
- Em outras palavras: a palavra empenhada não é um valor absoluto, mas algo condicionado às circunstâncias políticas.
- Para Maquiavel, a responsabilidade maior do governante é preservar o poder e a estabilidade do Estado. Se para isso for necessário quebrar uma promessa, ele deve fazê-lo.

Ser amado ou temido?

Nicolau Maquiavel
(1469 – 1527)

“... “De crudelitate et pietate; et an sit melius amari quam timeri, vel e contra.”

Tradução
👉 **“Da crueldade e da clemência; e se é melhor ser amado do que temido, ou o contrário.”**





Capítulo XVII (*Capítulo 17*) de **O Príncipe**, de Nicolau Maquiavel.

Ideias centrais do capítulo VXII

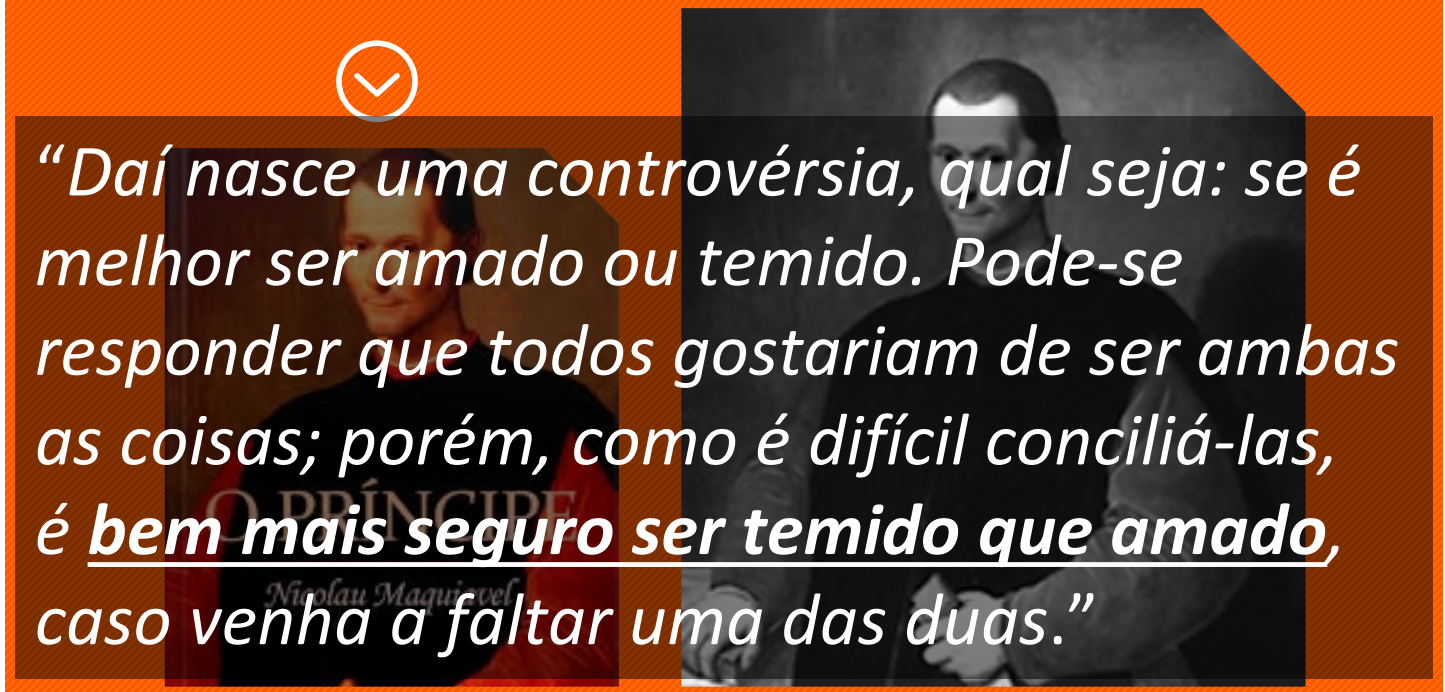
1.Crueldade e clemência

1. Maquiavel diz que um governante não deve abusar da crueldade, mas tampouco ser excessivamente clemente.
2. A "crueldade bem usada" pode ser útil: aplicada de forma rápida e decisiva, garante obediência e estabilidade.

2.Amor ou temor?

1. O príncipe deve buscar ser amado **e** temido, mas se tiver que escolher, é **mais seguro ser temido**.
2. O amor depende da gratidão das pessoas (instável), já o temor se apoia no medo da punição (mais confiável e duradouro).
3. Mas o governante deve evitar ser odiado: o ódio gera conspirações.

Ser amado ou temido?

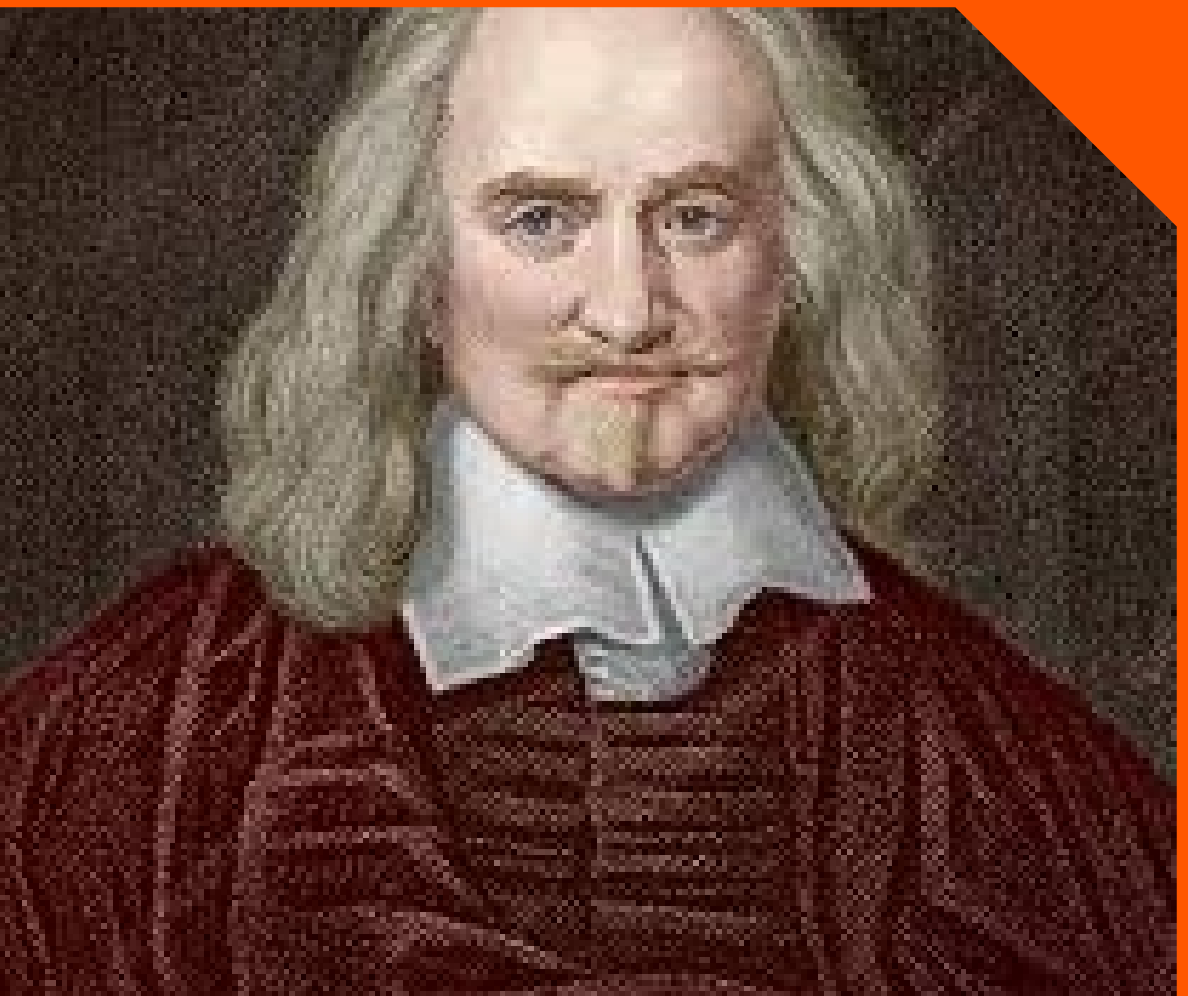


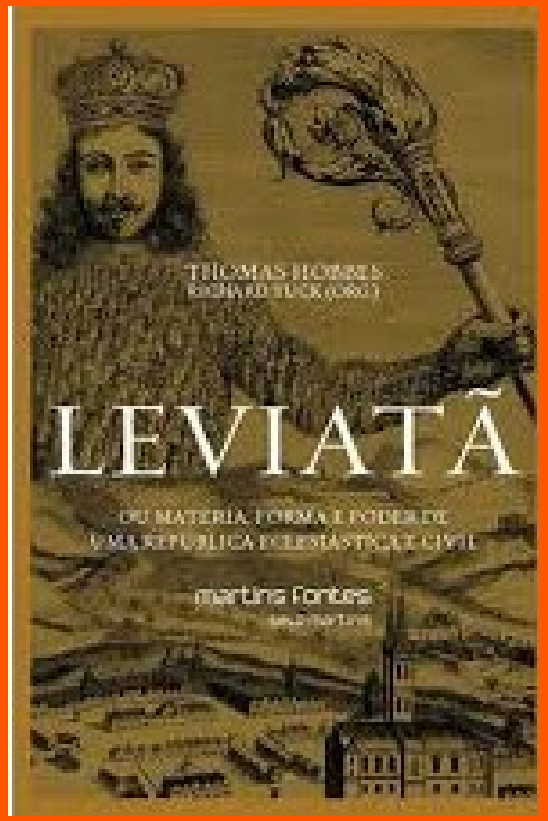
"Daí nasce uma controvérsia, qual seja: se é melhor ser amado ou temido. Pode-se responder que todos gostariam de ser ambas as coisas; porém, como é difícil conciliá-las, é ***bem mais seguro ser temido que amado****, caso venha a faltar uma das duas."*

Nicolau Maquiavel
(1469 – 1527)

Capítulo XVII (*Capítulo 17*) de **O Príncipe**, de Nicolau Maquiavel.

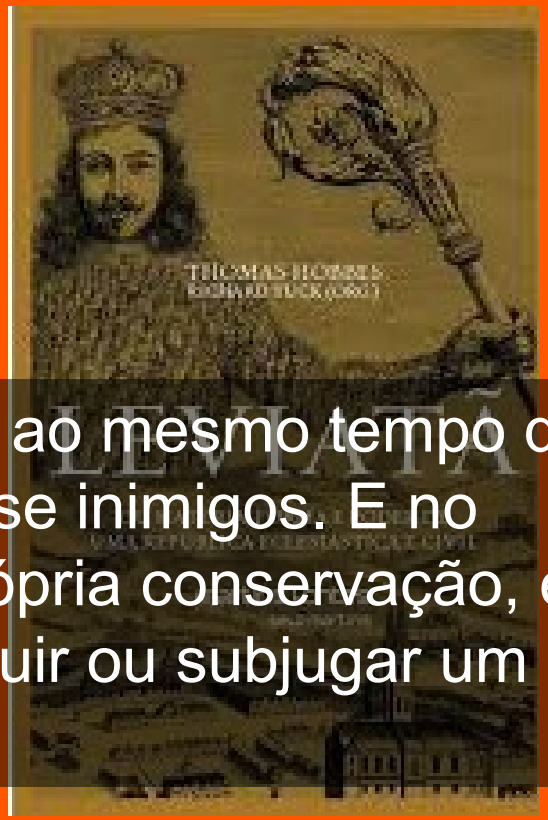
Thomas Hobbes (1588 – 1679)





No Leviatã (1651), Hobbes organiza a obra em quatro grandes partes, e os **três pontos centrais** (estado de natureza, contrato social e soberania absoluta) aparecem principalmente na Parte I e na Parte II.

Thomas Hobbes (1588 – 1679)

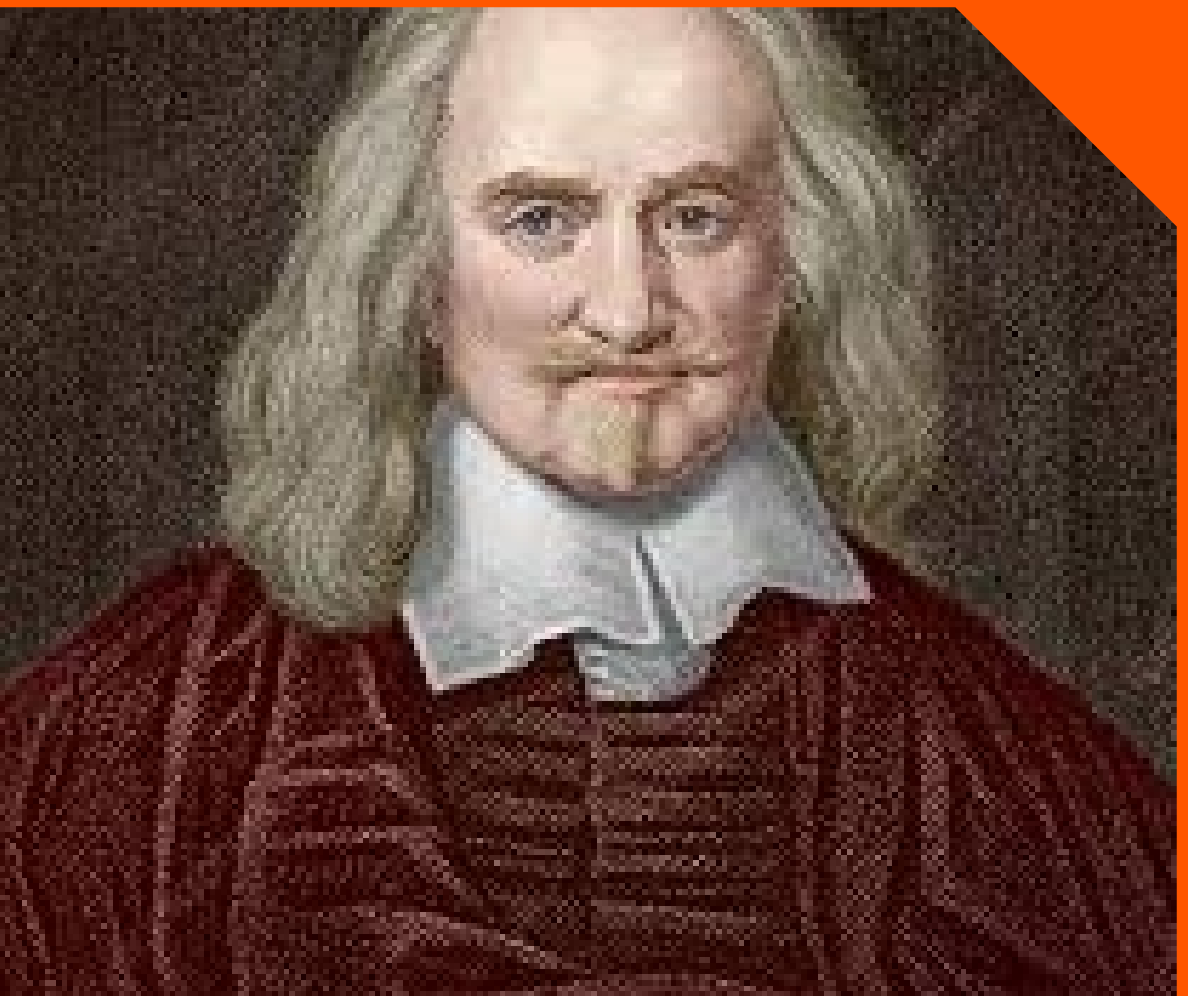


"Portanto se dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo que é impossível ela ser gozada por ambos, eles tornam-se inimigos. E no caminho para seu fim (que é principalmente sua própria conservação, e às rezes apenas seu deleite) esforçam-se por se destruir ou subjugar um ao outro ..." (p.112)

1. Estado de natureza

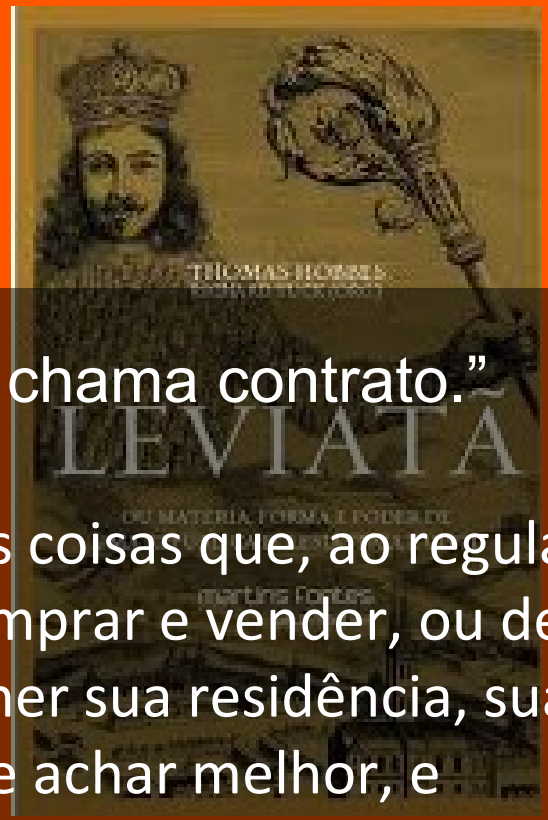
- Situação hipotética onde não existe governo nem leis.
- Nele, os homens seriam naturalmente iguais em força e astúcia.
- Mas isso levaria à competição e ao conflito: *"a guerra de todos contra todos"*.
- A vida, assim, seria *"solitária, pobre, sórdida, brutal e curta"*.

Thomas Hobbes (1588 – 1679)





Thomas Hobbes (1588 – 1679)



“A transferência mútua de direitos é aquilo a que se chama contrato.”

“... Portanto a liberdade dos súditos está apenas naquelas coisas que, ao regular suas ações, o soberano permitiu: como a liberdade de comprar e vender, ou de outro modo realizar contratos mútuos; de cada um escolher sua residência, sua alimentação, sua profissão, e instruir seus filhos conforme achar melhor, e coisas semelhantes..”

2. Contrato social

Para escapar do estado de guerra, os homens **cedem parte de sua liberdade** e criam um poder comum.

Esse pacto dá origem ao **Estado**, que garante paz e segurança.

Thomas Hobbes
(1588 – 1679)





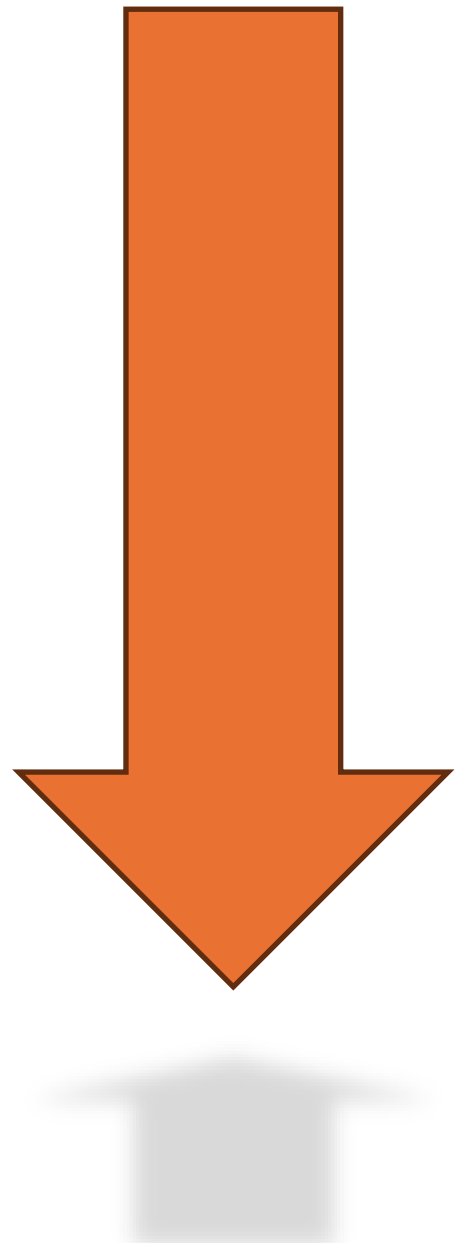
Thomas Hobbes (1588 – 1679)



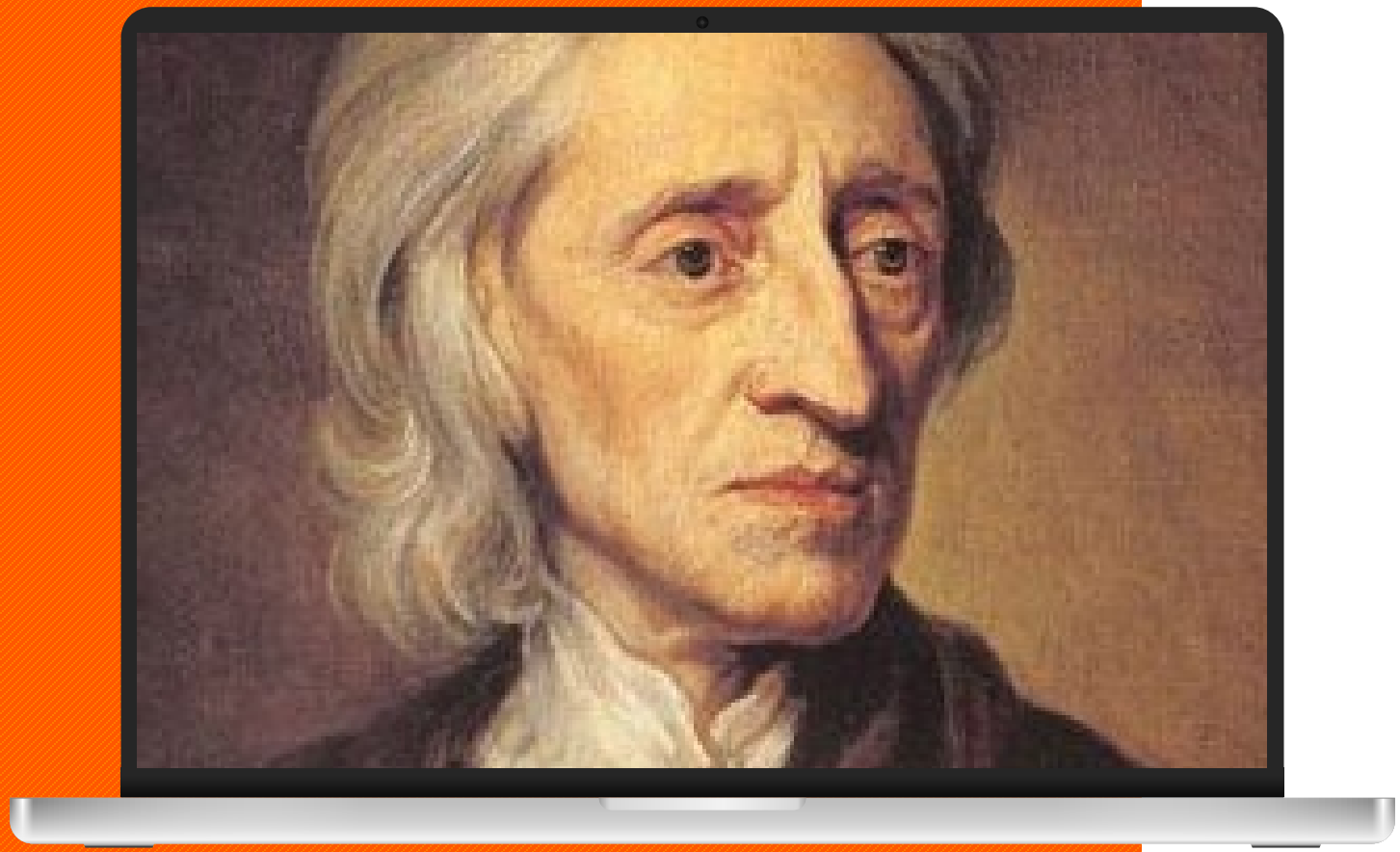
“Porque pela arte é criado aquele grande Leviatã a que se chama Estado, ou Cidade (em latim *Civitas*), que não é senão um homem artificial, embora de maior estatura e força do que o homem natural, para cuja proteção e defesa foi projetado.”

3. Soberania absoluta

- O governante (o *Leviatã*) deve ter poder quase ilimitado para manter a ordem.
- A obediência ao soberano é necessária, pois a alternativa seria voltar ao caos do estado de natureza.
- Hobbes usa a imagem do **monstro bíblico** (*Leviatã*, do Livro de Jó) como metáfora do Estado: uma criatura gigantesca, mais forte do que qualquer homem, formada por todos os indivíduos que entregaram parte de sua liberdade para viver em segurança.



John Locke (1632 – 1704)



🏛️ **Principal obra:**

Dois Tratados sobre o Governo Civil (*Two Treatises of Government*, 1689).

- No **primeiro tratado**, critica o absolutismo e a teoria do “direito divino dos reis”.

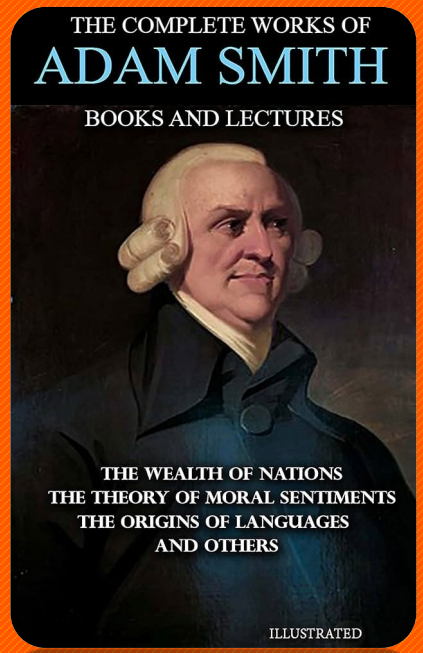
- No **segundo tratado**, apresenta sua teoria política baseada no **contrato social** e na **defesa da liberdade individual**.

Considerado o “PAI” do Liberalismo”

Liberalismo

O **liberalismo** é uma corrente de pensamento político, econômico e filosófico que surgiu entre os séculos XVII e XIX, sobretudo como resposta ao absolutismo monárquico e às estruturas feudais. Tem como princípios centrais:

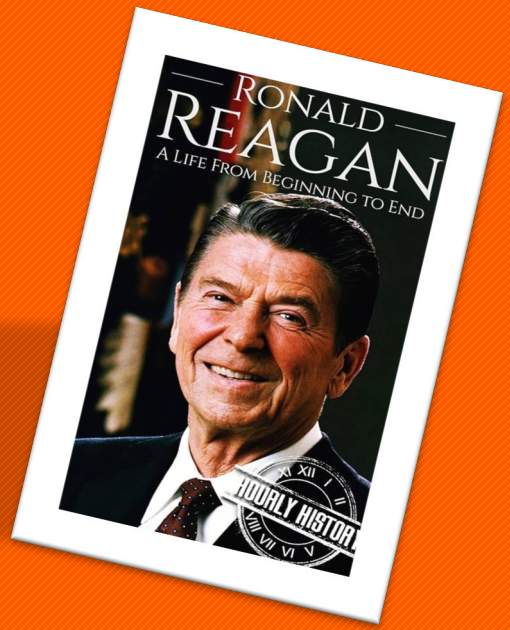
- **Valorização da liberdade individual** (direitos civis, de expressão, de propriedade).
- **Estado limitado**, ou seja, o governo deve intervir o mínimo possível na vida das pessoas, preservando sobretudo a segurança, a ordem e os contratos.
- **Economia de livre mercado**, inspirada em pensadores como **Adam Smith**, que defendiam que a mão invisível do mercado promoveria equilíbrio e prosperidade.
- **Igualdade formal** diante da lei, ainda que na prática houvesse desigualdades econômicas.



O **Neoliberalismo**, por sua vez, é uma releitura e atualização do liberalismo clássico, consolidada no século XX (especialmente a partir dos anos 1970 e 1980, com Margaret Thatcher no Reino Unido e Ronald Reagan nos EUA). Ele surge como reação ao modelo de Estado de bem-estar social e à forte intervenção estatal pós-Segunda Guerra Mundial. Seus pontos principais são:

Redução do papel do Estado na economia, com privatizações, desregulamentações e diminuição de gastos sociais.
Ênfase na globalização e no livre comércio internacional.
Competitividade e eficiência como valores centrais, transferindo lógicas de mercado também para áreas sociais, como saúde e educação.
Flexibilização das relações de trabalho, defendendo menos proteção trabalhista em nome da “modernização”.





Empresa	Ano (Presidente)	Valor de Venda (US$)	Valor de Mercado à Época (US$)	Valor Hoje (set/2025)	Prejuízo (US$)
Vale do Rio Doce	1997 (FHC)	3,3 bi	~30 bi	~46–49 bi	~26,7 bi
Telebrás (sistema)	1998 (FHC)	22 bi	~100 bi	Vivo ~20,5 bi; TIM ~10,3 bi; Am. Móvil ~61,6 bi; Oi ~0,19 bi	~78 bi
Banespa → Santander	2000 (FHC)	3,6 bi	~10 bi	Santander Brasil ~41 bi	~6,4 bi
Embraer	1994 (Itamar/FHC)	180 mi	~1,5–2 bi	~10,5 bi	~1,3–1,8 bi

Empresa	Ano (Presidente)	Valor de Venda (US$)	Valor de Mercado à Época (US$)	Valor Hoje (set/2025)	Prejuízo (US$)
CSN	1993 (Itamar)	1,05 bi	~4 bi	~2,0 bi	~3 bi
Usiminas / Açominas (→ Gerdau)	1991–1992 (Collor)	~4 bi (conj.)	~15 bi	Usiminas ~1 bi; Gerdau ~6 bi	~11 bi
Distribuidoras de energia (Light, Eletropaulo etc.)	1995–1999 (FHC)	25 bi (total)	~60 bi	Light ~2 bi; Enel SpA ~92 bi	~35 bi
Ferrovias (RFFSA)	1996–1999 (FHC)	2 bi	~10 bi	Rumo ~5,3 bi; MRS ~9 bi (BRL)	~8 bi

Liberalismo na Educação

O liberalismo, ao surgir entre os séculos XVII e XIX, trouxe transformações profundas:

Educação como direito individual: o pensamento liberal defendeu que cada indivíduo deveria ter acesso à instrução para desenvolver suas capacidades e exercer cidadania. Isso rompe com a ideia medieval de que apenas elites religiosas ou nobres deveriam ter acesso ao saber.

Igualdade formal de oportunidades: mesmo que persistisse a desigualdade social, a escola passa a ser concebida como espaço de "ascensão pelo mérito" (quem estuda e se esforça pode "subir na vida").

Currículo baseado em racionalidade e utilidade: influenciado por **John Locke** e **Adam Smith**, a educação liberal deveria preparar o indivíduo para a vida civil, econômica e política, privilegiando leitura, cálculo, ciências e moral cívica.

Separação entre Estado e Igreja: a educação laica, pública e universal começou a ser defendida (exemplo: Revolução Francesa), para formar cidadãos e não apenas fiéis religiosos.

Neoliberalismo na Educação

O neoliberalismo, consolidado no século XX, reconfigura a função da escola sob a lógica do mercado:

Educação como mercadoria: a escola passa a ser vista menos como direito universal e mais como "serviço" que pode ser comprado. Daí o fortalecimento do setor privado (escolas particulares, universidades privadas).

Avaliações padronizadas e meritocracia: ênfase em provas internacionais (PISA, por exemplo), metas de desempenho e ranqueamentos, como se a escola fosse uma empresa que precisa entregar resultados mensuráveis.

Gestão empresarial na educação pública: aplicação de conceitos como "eficiência", "produtividade" e "custos", transformando gestores escolares em administradores que devem fazer "mais com menos".

Desigualdades ampliadas: ao incentivar a competição entre escolas, estudantes e professores, o neoliberalismo tende a favorecer os que já possuem capital cultural e econômico, marginalizando ainda mais os grupos vulneráveis.

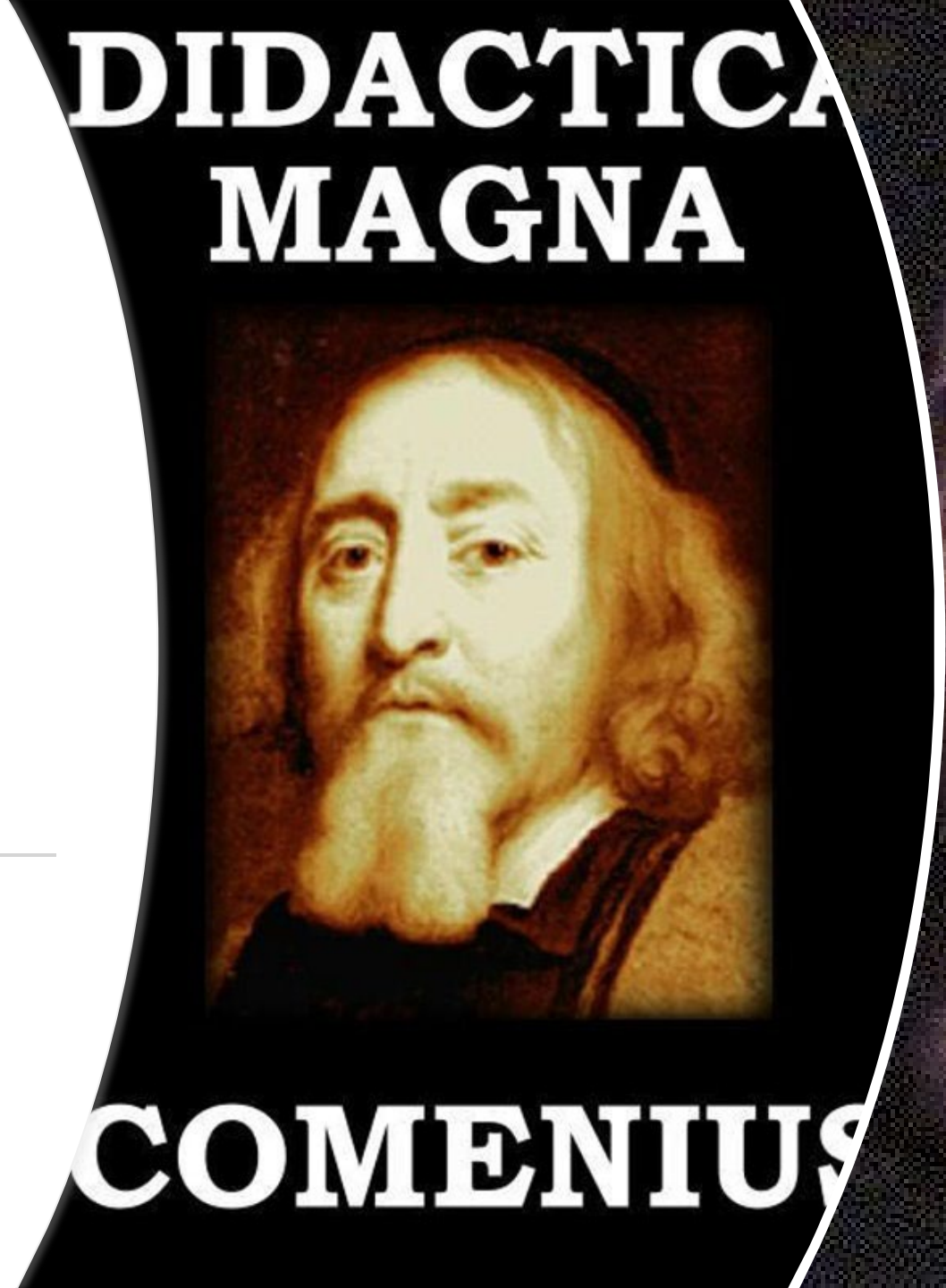
Formação voltada ao mercado de trabalho: a escola deixa de priorizar a formação crítica e cidadã e passa a enfatizar competências "úteis" para a empregabilidade, alinhadas às demandas empresariais.



Liberalismo e Neoliberalismo (sécs. XVII–XX):

Aspecto	Liberalismo	Neoliberalismo
Contexto	Luta contra o absolutismo e defesa das liberdades civis (séc. XVII–XIX)	Crise do Estado de bem-estar e globalização do capital (séc. XX)
Função da escola	Formar cidadãos livres, racionais e capazes de participar da vida pública	Produzir mão de obra flexível, competitiva e adaptada ao mercado
Concepção da educação	Direito individual universal (mas com foco no mérito)	Serviço/mercadoria que deve ser eficiente e gerar resultados
Impacto social	Ampliação da ideia de escola pública e laica	Crescimento da privatização, desigualdade e padronização
Currículo	Iluminista, racional, humanista e científico	Tecnocrático, pragmático, orientado por competências e avaliações

João Amós Comênio, 1592-1670)





📄 Quem foi Comenius

Jan Amos Comenius (1592–1670)

- Filósofo, teólogo e pedagogo tcheco.
- Conhecido como o **pai da didática moderna**.
- Viveu em um contexto de guerras religiosas (Guerra dos 30 Anos).
- Defensor da **educação universal**: homens, mulheres, ricos, pobres, sem distinção.
- Autor da obra **“Didática Magna” (1657)**, em que sistematizou princípios para o ensino.
- Inspirado no **humanismo renascentista** e nas reformas protestantes.

Ideias pedagógicas de Comenius

Educação como direito universal: todos devem aprender, independentemente da condição social.
Método natural: respeitar as fases do desenvolvimento humano, partindo do simples ao complexo.
Ensino intuitivo: aprender por meio de coisas concretas, imagens, exemplos do cotidiano.
Organização escolar: divisão em etapas (infância, juventude, maturidade), antecessora da educação seriada.
Uso de recursos visuais: precursor do uso de ilustrações e materiais didáticos.
Finalidade ética e religiosa: formar cidadãos sábios, virtuosos e tementes a Deus.


FIM